



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana traz bateria de indicadores no Brasil, com dados de crédito, emprego e contas públicas. No exterior, Fed e BCE decidem juros

- O Presidente Lula (PT) conseguiu reverter a vantagem do Senador Flávio Bolsonaro (PL) e foi reeleito para um novo mandato presidencial com 51,79% dos votos válidos, com vantagem de 4,4 milhões de votos.** Agora, passado o pleito, as atenções dos agentes econômicos devem se voltar para a definição dos nomes que vão integrar a sua administração e as diretrizes que devem nortear a sua nova gestão, em especial na questão fiscal.
- Na agenda de indicadores, o Banco Central divulga na quinta-feira (29) as estatísticas de crédito de setembro, com estimativa de alta de 0,3% do saldo da carteira total no mês, segundo a Pesquisa Especial de Crédito da FEBRABAN.** Caso se confirme, a expansão em 12 meses deve desacelerar de 9,2% para 8,3%, ainda em nível relativamente alto. A pesquisa também continuou captando sinais de piora na qualidade da carteira das famílias, o que reforça a atenção com a inadimplência. Portanto, os sinais de desaceleração econômica vão se acumulando, em função da política monetária restritiva e, ao que parece, podem estar chegando com mais força no mercado de crédito. As [páginas 8 e 9](#) trazem o resultado completo da pesquisa.
- Ainda no setor bancário, o Santander divulga o resultado do 3T26 na quarta (28).** O consenso estima lucro líquido de R\$ 3,2 bi no período, alta de 4,9% no trimestre e queda de 21,2% ante o 3T25, refletindo a alta das provisões contra devedores duvidosos (PDD), em um contexto de inadimplência ainda pressionada. Também no setor, o **Banco Central divulga na terça (27) o Relatório de Estabilidade Financeira (REF) do 1º semestre de 2026**, que traz o diagnóstico das condições de estabilidade financeira, com análises de liquidez, solvência e rentabilidade do SFN, em um momento em que a inadimplência e o endividamento das famílias estão no centro da discussão.
- A semana também traz os dados do mercado de trabalho, com a criação de vagas no mercado formal (Caged), na quinta (29), e a Pnad/IBGE, na sexta (30).** Para o Caged, o consenso do mercado projeta criação líquida de 185,0 mil vagas em setembro, pouco superior ao registrado em agosto (165,8 mil), mas abaixo do observado em set/25 (214,7 mil). Já a Pnad deve mostrar ligeira queda da taxa de desemprego, de 5,3% para 5,2%, seguindo em patamar historicamente baixo. Apesar dos números ainda positivos, a tendência é que os indicadores sigam mostrando sinais de acomodação, com menor ritmo de geração de vagas e moderação dos rendimentos, em linha com a desaceleração da atividade.

Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 3T26

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido no 3T26 Em R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual
Santander	28/out	3.160,7	4,9%	-21,2%
Itaú	03/nov	12.714,3	2,5%	7,1%
ABC	05/nov	272,4	5,9%	6,1%
BMG	05/nov	159,0	1,3%	7,4%
BTG Pactual	10/nov	5.227,1	1,7%	15,2%
Pine	11/nov	178,0	7,4%	71,8%
Banco do Brasil	11/nov	3.789,0	-3,0%	0,1%
Inter	12/nov	430,3	-3,7%	20,9%
Nubank	12/nov	5.772,2	7,7%	35,3%
Banrisul	12/nov	277,0	-14,9%	-15,8%
XP	-	1.416,0	2,3%	6,5%

Fonte: Áreas de RI dos bancos. Projeções: Bloomberg.



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Também serão conhecidos os dados fiscais, com o resultado primário do Governo Central pelo Tesouro Nacional, na quinta-feira (29), e as estatísticas do setor público consolidado pelo Banco Central, na sexta (30). Para o Governo Central, a expectativa é de superávit de R\$ 5,3 bilhões em setembro, ante déficit de R\$ 14,4 bi em set/25, com menor pressão das despesas discricionárias e arrecadação ainda em alta. Já os dados do setor público consolidado devem indicar que a dívida pública segue avançando, superando 83% do PIB (ante 78,6% em dez/25 e 82,9% em agosto), com déficit nominal em torno de 9,5% do PIB. Esse quadro coloca o ajuste fiscal entre os principais desafios do governo que assumirá em 2027.

O Banco Central divulgou hoje que a balança de transações correntes registrou déficit de US\$ 5,1 bi em setembro, inferior ao resultado de set/25 (US\$ 8,8 bi). A melhora refletiu a ampliação do superávit da balança comercial, que praticamente triplicou, passando de US\$ 2,5 bi para US\$ 6,9 bi. Em 12 meses, o déficit externo ficou em US\$ 60,0 bi, ou 2,3% do PIB (ante US\$ 63,7 bi), mantendo-se financiado com folga pelo investimento direto no país (IDP), que está em 3,4% do PIB.

No cenário internacional, destaque para a reunião de política monetária do Fed nos EUA nesta quarta (28), com expectativa de manutenção dos juros no intervalo entre 3,75% e 4,00% a.a. A manutenção é esperada pela grande maioria dos economistas consultados pela Bloomberg, embora não seja unanimidade, dada a inflação elevada. Para parte dos analistas, a proximidade das eleições de meio de mandato (3/nov) é um dos fatores que pesam a favor da pausa. Nesse sentido, as atenções estarão voltadas para a coletiva do presidente do Fed, Kevin Warsh, já que o mercado precifica nova alta dos juros (+0,25 p.p.) na reunião de dezembro (dia 9).

Ainda nos EUA, na quinta (29) será divulgada uma bateria de dados de atividade e inflação, com destaque para a prévia do PIB do 3º trimestre. O consenso aponta para alta anualizada de 3,2% (0,8% ante o 2T26), uma aceleração após avanço de 2,2% no 2T26. O resultado deve vir apoiado pelo consumo das famílias, mas principalmente pelos investimentos empresariais em tecnologia, com o *boom* do setor de IA. No âmbito dos preços, o deflator dos gastos pessoais (PCE) deve acelerar em 12 meses para 3,6% (ante 3,4%), reforçando o cenário inflacionário desafiador.

Por fim, a Zona do Euro também traz reunião de política monetária e divulgação da prévia do PIB do 3º trimestre. O BCE se reúne na quinta (29) e deve manter a taxa de depósitos inalterada em 2,50% a.a. Assim como o Fed, o BCE deve apenas pausar o ciclo, com nova alta em dezembro esperada pela grande maioria do mercado. Na sexta (30), será conhecida a prévia do PIB do 3º trimestre, que deve subir apenas 0,1% ante o trimestre anterior, após 0,6% no 2T26, em meio à perda de ímpeto da indústria e ao consumo das famílias limitado pela aceleração da inflação.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
26-29/out	FGV: Sondagens de Confiança (Consumidor, Construção, Indústria, Serviços e Comércio)	Out/26	-	-
26/out	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Set/26	US\$ -5,3 bi	US\$ -5,1 bi
27/out	BCB: Relatório de Estabilidade Financeira (REF)	1º semestre/26	-	-
29/out	Tesouro: Resultado Primário do Governo	Set/26	R\$ 5,3 bi	R\$ -13,6 bi
29/out	FGV: IGP-M	Out/26	1,60% m/m 5,32% a/a	1,57% m/m 3,35% a/a
29/out	Caged: Geração de Vagas Formais de Trabalho	Set/26	185 mil	165,8 mil
29/out	BCB: Estatísticas de Crédito	Set/26	0,3% m/m* 8,3% a/a*	0,5% m/m 9,2% a/a
30/out	PNAD: Taxa de Desemprego	Set/26	5,2%	5,3%
30/out	BCB: Estatísticas Fiscais	Set/26	RS 1,7 bi	R\$ -10,0 bi

Fonte: Bloomberg. *Pesquisa Especial de Crédito

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
27/out	EUA	Alvarás para novas construções	Set/26 - final	-0,2% m/m	-2,1% m/m
27/out	EUA	Pedidos de bens duráveis	Set/26	1,9% m/m	0,0% m/m
27/out	EUA	Confiança do Consumidor (<i>Conf. Board</i>)	Out/26	81,0 pts	81,9 pts
27/out	EUA	Vendas de novas casas	Set/26	-4,5% m/m	6,4% m/m
28/out	EUA	Fed: Reunião de Política Monetária	-	3,75% aa; 4,00% aa	3,75% aa; 4,00% aa
28/out	EUA	Estoques no Atacado	Set/26 - prévia	0,5% m/m	0,5% m/m
29/out	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Out/26 - final	-17,9 pts	-16,5 pts
29/out	Zona do Euro	BCE: Reunião de Política Monetária	-	2,50% aa; 2,65% aa 2,90% aa	2,50% aa; 2,65% aa 2,90% aa
29/out	EUA	Rendas e Gastos Pessoais	Set/26	0,3% m/m 0,6% m/m	0,2% m/m 0,9% m/m
29/out	EUA	Deflator de Gastos Pessoais (índice PCE)	Set/26	0,5% m/m 3,6% a/a	0,3% m/m 3,4% a/a
29/out	EUA	PIB	3ºtri/26 - prévia	3,2% t/t-1 (anualizado)	2,2% t/t-1 (anualizado)
30/out	China	PMI Manufatura e Serviços	Out/26	50,1 pts / 50,0 pts	50,1 pts / 50,2 pts
30/out	Zona do Euro	PIB	3ºtri/26 - prévia	0,2% t/t-1	0,6% t/t-1

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

IPC-15 sobe abaixo do esperado, mas ainda assim volta a superar o teto da meta

O IPCA-15 subiu 0,32% em outubro, abaixo da mediana (+0,45%) e do piso das expectativas coletadas pela Bloomberg (+0,33%), com surpresas baixistas em itens voláteis, e acima do observado no mesmo mês do ano passado (+0,18%). Com isso, em 12 meses o índice acelerou de 4,47% para 4,62%, voltando a ficar acima do teto da meta (4,50%).

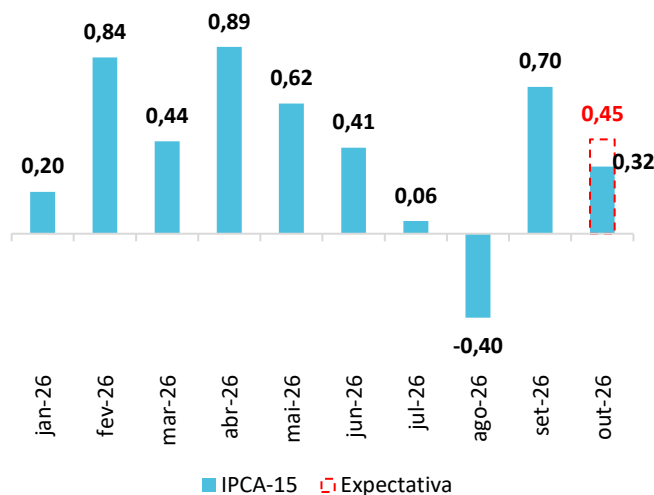
Oito dos nove grupos pesquisados registraram alta no mês. O maior impacto veio de alimentação e bebidas (+0,88%), puxada pela alimentação no domicílio (+1,01%), sobretudo pelo tomate (+24,54%), cebola (+13,63%) e arroz (+5,80%), refletindo tanto a sazonalidade desfavorável quanto o início dos efeitos climáticos adversos do *El Niño*. Já os transportes subiram apenas 0,05%, com efeitos opostos: de um lado, alta de 1,20% dos combustíveis; de outro, queda de 9,24% das passagens aéreas. A exceção foi habitação, que recuou 0,10%, puxada pela energia elétrica residencial (-0,89%), com a adoção da bandeira verde (ante amarela), e pela taxa de água e esgoto (-0,89%), em razão de um desconto em Curitiba (25% na tarifa mínima).

No acumulado de 12 meses, as principais métricas que compõem o IPCA-15 voltaram a acelerar. O principal vetor de alta é a alimentação no domicílio, que acelerou para 4,88% (ante 3,73% em setembro), maior valor desde out/25 (5,47%). O núcleo de serviços (subjacente) atingiu 5,51% (ante 5,28%), maior nível desde fev/26 (5,62%), e os bens industriais subiram para 3,17% (ante 2,95%). Com isso, a média dos núcleos acelerou de 4,42% para 4,51%, voltando a ultrapassar o teto da meta. A exceção foram os monitorados, que desaceleraram para 4,05% (ante 4,14%).

Portanto, apesar de ter vindo abaixo do esperado em razão de itens voláteis, o IPCA-15 confirmou a retomada da inflação dos alimentos, que deve seguir pressionada com os efeitos mais evidentes do *El Niño* até o fim do ano, e a piora das medidas de núcleo, especialmente nos serviços. Assim, a leitura reforça a necessidade de cautela quanto à trajetória da inflação.

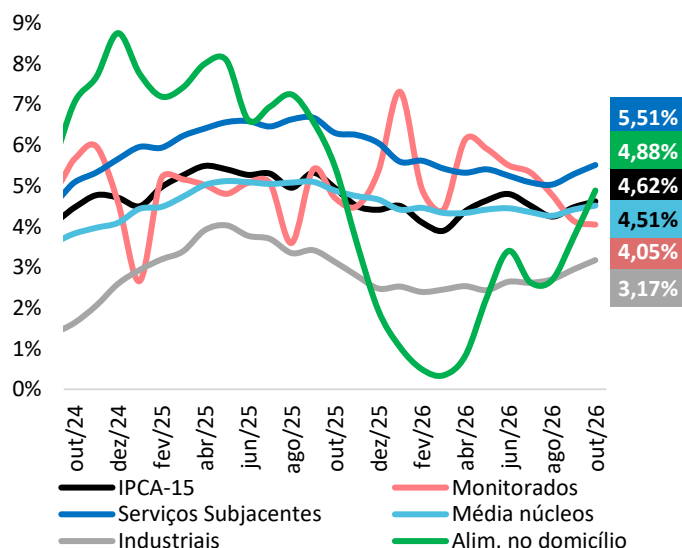
INDICADORES ECONÔMICOS

Quadro 1: IPCA-15 – Var.% mensal



Fonte: IBGE

Quadro 2: IPCA-15 e Aberturas Var.% Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE. Elaboração Febraban

O Monitor do PIB, calculado pela FGV, indicou crescimento de 0,5% em agosto ante julho, interrompendo dois meses consecutivos de queda. Na comparação interanual, o indicador cresceu 1,5%, e o acumulado de 12 meses registra expansão de 1,8%. O resultado, contudo, não altera o quadro de desaceleração da atividade e indica um 3T26 fraco.

Na abertura setorial, a alta do mês foi puxada pela indústria (+0,9%), com apoio da extrativa, e pelos serviços (+0,8%), que voltaram a ganhar fôlego. A agropecuária recuou 0,9%. Apesar do maior dinamismo na margem, a indústria segue como o setor mais frágil, com alta de 1,3% em 12 meses, ante 1,8% nos serviços e 5,1% na agropecuária.

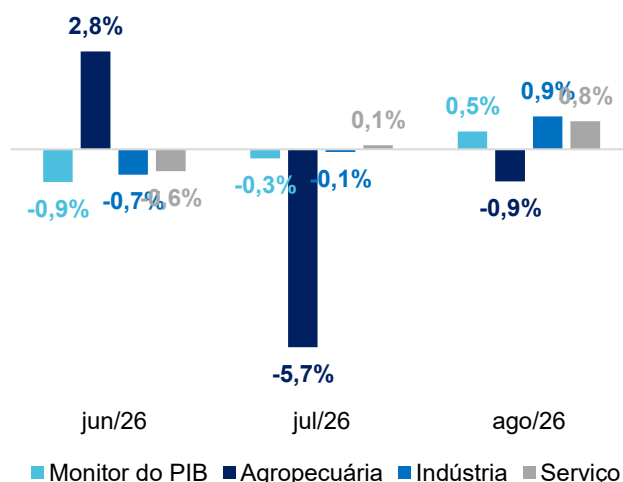
Do lado da demanda, o consumo das famílias avançou 0,4% no trimestre móvel encerrado em agosto ante o mesmo período de 2025, o menor resultado desde out/25 (+0,2%) e bem abaixo do 1,7% registrado no 1T26. A formação bruta de capital fixo cresceu 1,6%, com a taxa de investimento em 19,1% do PIB (+0,8 p.p. ante julho). As exportações subiram 2,5%, com contribuição de serviços, produtos agropecuários e bens intermediários, enquanto as importações seguiram com alta relevante (+6,4%).

Apesar do resultado positivo de agosto, o *carry-over* segue negativo para o 3T26 (-0,4%), o que indica a possibilidade de retração da atividade no período. Para o ano, o carregamento está em 1,8%, igual à projeção do Boletim Focus, compatível com uma economia relativamente estagnada, ou com leve viés de queda, no segundo semestre.

A arrecadação federal segue em expansão, mas alguns tributos começam a mostrar perda de fôlego. A Receita Federal informou que a arrecadação somou R\$ 239,4 bilhões em setembro, alta real de 5,6% ante set/25. No acumulado do ano, alcançou R\$ 2,35 trilhões, com crescimento real de 7,0%, enquanto em 12 meses a alta é de 6,2%.

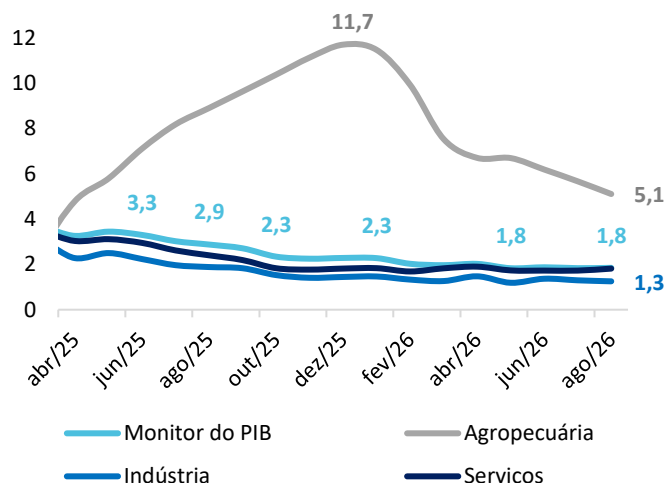
Contudo, a composição do resultado é heterogênea. O imposto de exportação sobre óleo bruto somou R\$ 2,9 bilhões no mês e R\$ 12,9 bilhões no ano (sem contrapartida em 2025), enquanto o Imposto de Importação cresceu 20,8%, em termos reais, ante set/25. As receitas previdenciárias, por sua vez, mantiveram desempenho robusto, com avanço real de 6,2%, sustentadas pela expansão da massa salarial e pelo emprego. Esses tributos compensaram as quedas do Imposto de Renda (-0,8%) e do IOF (-9,1%). As contribuições (PIS/Cofins e CSLL) registraram alta real de apenas 1,1%.

Quadro 3: Monitor do PIB
Var. % mensal dessazonalizada



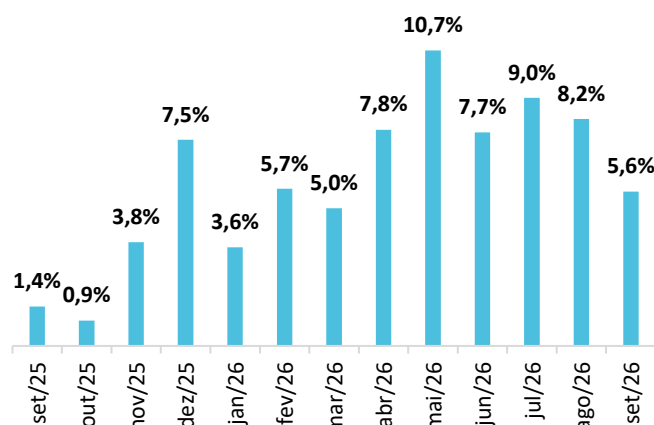
Fonte: FGV

Quadro 4: Monitor do PIB
Var.% Acumulada em 12 meses



Fonte: FGV

Quadro 5: Arrecadação Federal
Var.% real interanual

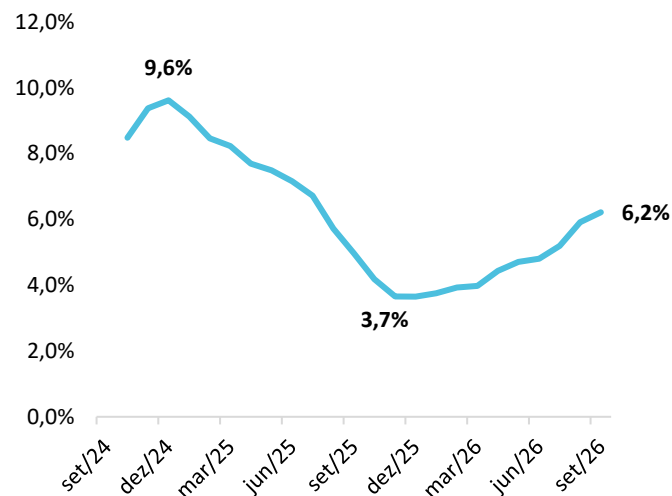


Fonte: Receita Federal

O resultado segue favorecido pelas mudanças na legislação tributária, mas a perda de dinamismo de alguns tributos sugere maior sensibilidade das receitas à desaceleração da atividade. No caso do IOF, a queda reflete, em boa medida, a dissipação do efeito-base, já que a elevação efetiva das alíquotas ocorreu em ago/25. Uma avaliação mais precisa sobre a resposta dos agentes à tributação exigirá acompanhar a evolução das operações sujeitas ao imposto nos próximos meses.

No acumulado em 12 meses até setembro, a arrecadação alcançou 23,4% do PIB, alta de 0,1 p.p. ante agosto. O dado reforça a leitura de resiliência das receitas, ainda que a sua sustentação dependa da evolução da atividade econômica e das bases tributáveis nos próximos meses.

Quadro 6: Arrecadação Federal
Var.% real acumulada em 12 meses



Fonte: Receita Federal.

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Aversão ao risco pesa sobre os mercados com tensões no Oriente Médio e desconfiança com IA

O cenário internacional foi marcado por nova escalada das tensões no Oriente Médio, com ataques dos houthis contra instalações e aeroportos na Arábia Saudita, além de incidentes no Golfo Pérsico e no Estreito de Ormuz, ampliando as preocupações com a oferta global de energia. Nesse contexto, o barril de petróleo (Brent) avançou para cerca de US\$ 115, maior nível desde abril e próximo do pico da crise atual (US\$ 118,40). Esse movimento, somado ao receio com os *valuations* das ações de tecnologia ligadas à IA, levou os mercados acionários dos EUA a recuarem na semana, com os investidores buscando ativos mais seguros: o rendimento da *Treasury* de 10 anos voltou a ficar abaixo de 5,0% a.a. pela primeira vez desde o mês passado.

Na China, a economia apresentou leve aceleração no 3º trimestre, com o PIB avançando 4,5% ante o mesmo período do ano anterior, ante 4,3% no 2T26 e acima da expectativa de 4,4%. O desempenho foi sustentado pela produção industrial, pelas exportações e pelos segmentos de maior intensidade tecnológica, em meio às medidas de estímulo do governo. Apesar da melhora, a recuperação segue desequilibrada, diante da fraqueza da demanda doméstica e, sobretudo, do setor imobiliário. Os dados de atividade de setembro reforçaram esse quadro: a produção industrial avançou 5,5% (ante set/25), com destaque para computadores e equipamentos (+16,4%), enquanto as vendas no varejo cresceram apenas 1,1%.

Nos EUA, a prévia de outubro do PMI da indústria subiu de 55,9 para 56,0 pts, contrariando a expectativa de queda (55,5 pts) e indicando maior resiliência do setor. O PMI de serviços recuou de 58,8 para 57,9 pts, pouco abaixo do esperado (58,0 pts), mas permaneceu em nível elevado, o que reforça a leitura de atividade aquecida, em linha com a expectativa de alta de cerca de 3% do PIB no 3T26.

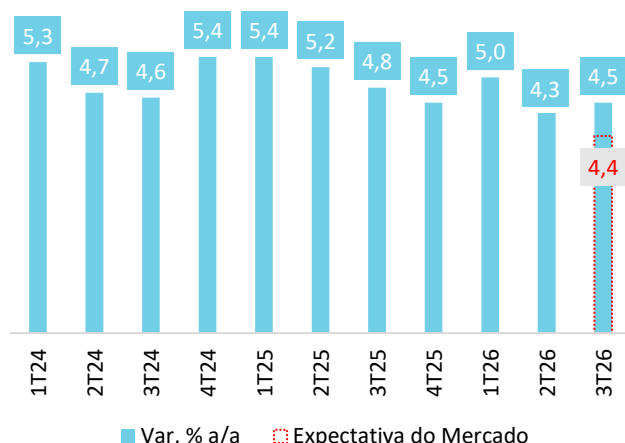
Na Zona do Euro, as prévias de outubro dos PMIs vieram abaixo do esperado, embora ainda em terreno expansionista. O índice da manufatura recuou de 52,9 para 52,4 pts, abaixo do consenso (52,8 pts), com produção e novas encomendas ainda crescendo, mas em ritmo moderado. Nos serviços, o indicador caiu de 53,0 para 51,7 pts, também abaixo do esperado (52,5 pts), mantendo a trajetória de desaceleração observada desde julho.

Quadro 7: Preço do Barril de Petróleo (tipo Brent) Em US\$



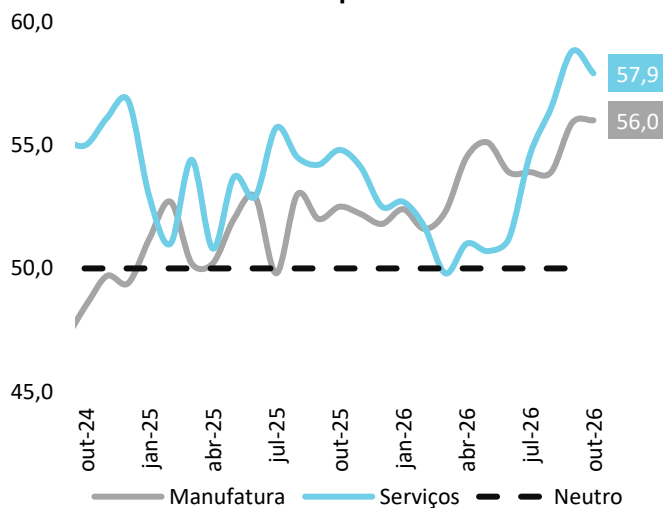
Fonte: Bloomberg.

Quadro 8: China – PIB Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Quadro 9: EUA – PMI Manufatura e Serviços Em pontos



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Crédito total deve crescer 0,3% em setembro, com alta anual desacelerando para 8,3%

O saldo da carteira de crédito total deve crescer 0,3% em setembro. Com isso, a expansão anual irá desacelerar de 9,2% para 8,3%. Portanto, caso se confirme, o mercado de crédito trará sinais mais expressivos de acomodação em setembro. Adicionalmente, no acumulado em 12 meses, o segmento segue liderado pelas operações com recursos direcionados.

A carteira destinada às empresas deve avançar 0,7% no mês, desacelerando em 12 meses para 6,0% (ante +7,1%). Desta vez, a alta deve ser puxada pela carteira com recursos livres (+1,0%), liderada pelo bom desempenho das linhas externas e de desconto de recebíveis, dada a sazonalidade favorável do período (fim de trimestre). Por outro lado, o capital de giro deve registrar queda no mês.

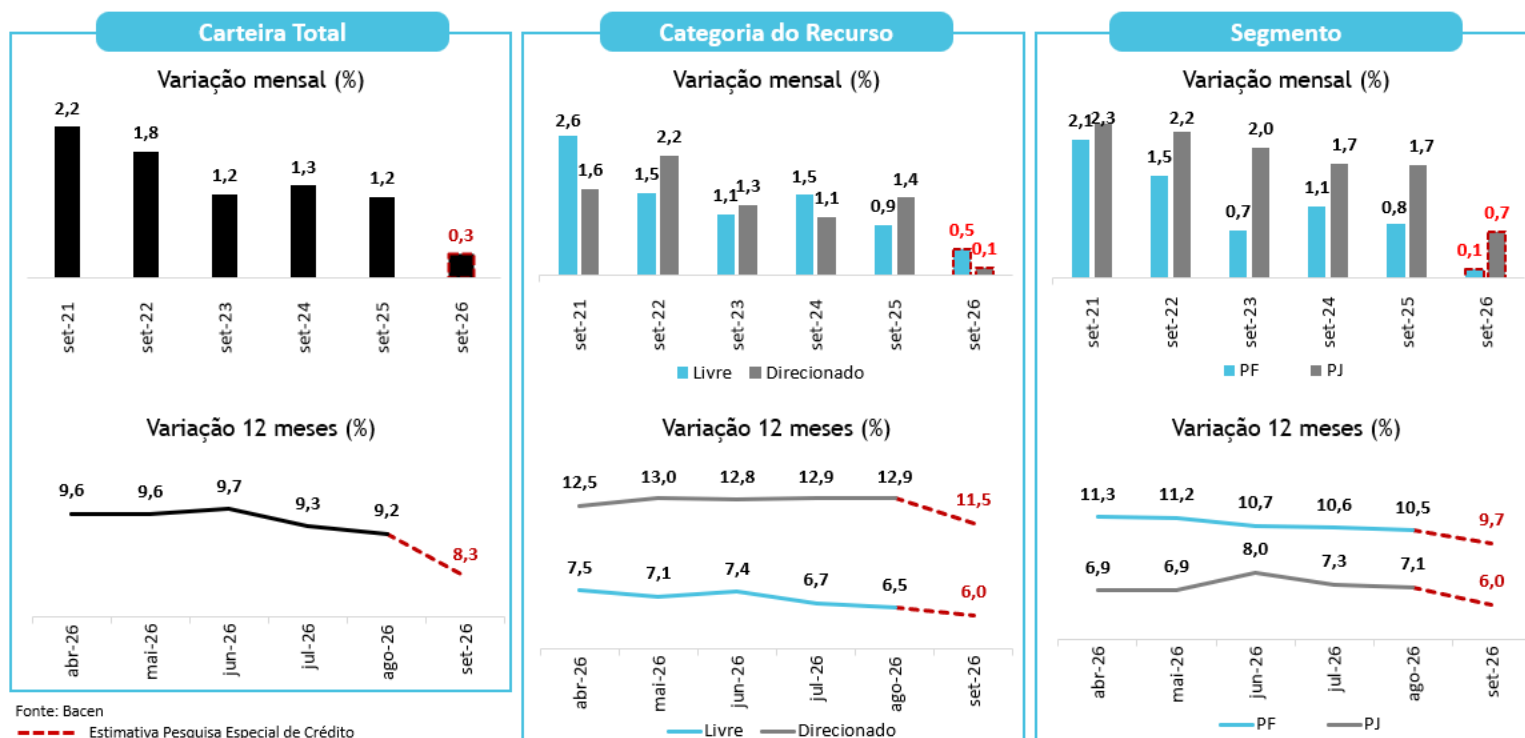
Já a carteira direcionada PJ deve avançar 0,3% no período, com perda de ímpeto nos programas governamentais (Outros créditos

direcionados PJ), diante do esgotamento dos recursos nos fundos garantidores. Em 12 meses, a carteira direcionada deve ficar em 15,1% (ante +17,7%) enquanto a livre deve recuar para 0,3% (ante +0,5%).

A carteira destinada às famílias, por sua vez, deve avançar apenas 0,1% no mês, com alta estimada de 9,7% em 12 meses (ante 10,5%). Ambas as carteiras devem mostrar resultado bastante modesto no período: livre (+0,2%), puxada pelas linhas rotativas, que seguem como ponto de atenção dado o alto nível de endividamento das famílias, enquanto cartão à vista e veículos devem recuar no mês; e, direcionado (+0,1%), cuja alta segue sustentada pelo crédito imobiliário, enquanto o crédito rural continua com números bastante fracos no início do Plano Safra 2026/27.

Em 12 meses, as aberturas devem perder o patamar de dois dígitos de expansão: PF Livre em 9,8% (ante +10,5%) e PF Direcionada em 9,6% (ante +10,4%).

Quadro 10: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

As concessões de crédito devem recuar 3,2% em setembro ante agosto, sem necessidade de ajuste da variação média diária (ambos os meses com 21 dias úteis). Já na comparação com setembro de 2025 (também por dias úteis), deve-se registrar um avanço de 5,6%.

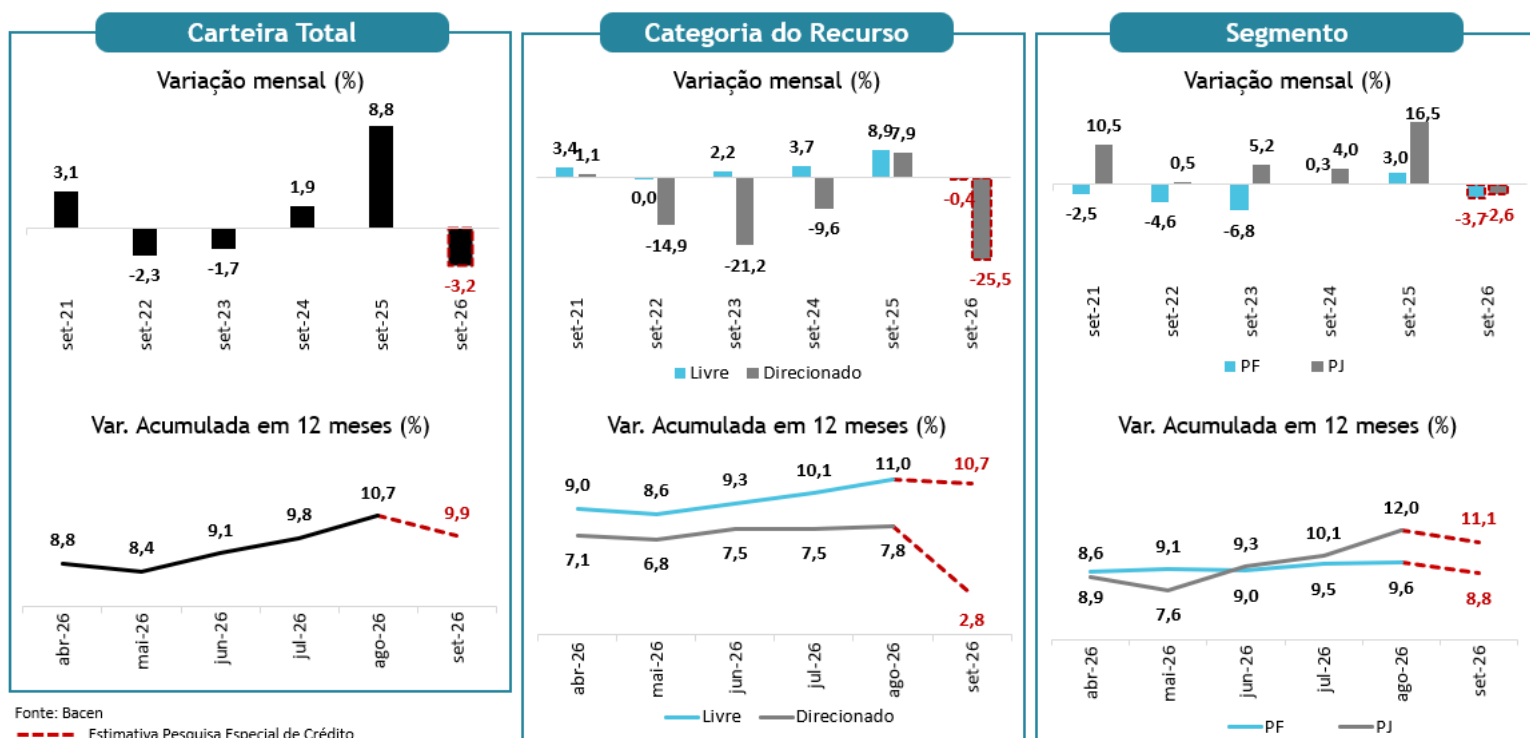
Na comparação anual, as concessões são puxadas pela carteira destinada às empresas (+6,4%), especialmente pelas linhas com recursos livres, ainda com efeito base nas linhas de desconto de recebíveis (majoração do IOF em jun/25). Nas concessões às famílias (+5,0%), destaque para veículos, imobiliário e o consignado privado.

No acumulado de 12 meses, o ritmo de crescimento das concessões totais deve desacelerar, deixando a faixa de dois dígitos: 9,9% (ante 10,7%). O movimento é puxado pela desaceleração da carteira direcionada (+2,8%; ante +7,8%).

Em suma, a pesquisa indicou uma desaceleração mais relevante do crédito em setembro, ainda que com nível de expansão relativamente alto. Adicionalmente, a pesquisa continua capturando sinais de piora adicional na qualidade da carteira das famílias, o que reforça a preocupação com a dinâmica da inadimplência. Portanto, os sinais de desaceleração econômica vão se acumulando, em função da política monetária restritiva, e ao que parece, podem estar chegando com mais força no mercado de crédito.

A divulgação das Estatísticas Monetárias e de Crédito pelo Banco Central está prevista para esta quinta (29). Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 11: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Resultado Corporativo 3º Tri/26 Bradesco

CRÉDITO / BANCOS

O Bradesco registrou lucro líquido gerencial de R\$ 7,1 bilhões no 3T26, em linha com o esperado, com alta de 0,8% ante o 2T26 e de 14,6% ante o 3T25. O ROE anualizado atingiu 15,6%, ante 16,2% no 2T26, refletindo, especialmente, o aumento de capital de R\$ 10 bi, anunciado em julho e subscrito até setembro. Sem esse efeito, o ROE teria ficado praticamente estável (16,1%).

Na comparação anual, o lucro refletiu a expansão da margem financeira (+14,2%). A margem com clientes cresceu 10,1%, com o maior volume de crédito compensando o mix de produtos menos arriscado e, por sua vez, menos rentável, conforme a estratégia do banco. A margem com o mercado, beneficiada pelo forte desempenho das mesas de tesouraria, atingiu R\$ 875 mi, ante R\$ 99 mi no 3T25. As receitas de serviços avançaram 3,1%, com maiores ganhos com cartões, enquanto o resultado de seguros, previdência e capitalização recuou 2,0%.

A PDD expandida cresceu 24,3% ante o 3T25, para R\$ 10,6 bi, puxada pela expansão da carteira, pela maior concentração de vencimentos no rural e pelo avanço da inadimplência no crédito massificado PF. Com isso, a razão entre a PDD e a carteira expandida subiu de 3,5% no 2T26 para 3,7% no 3T26, com o massificado passando de 5,9% para 6,3%.

Já as despesas operacionais recuaram 1,0% ante o 3T25, com a queda das contingências cíveis, trabalhistas e fiscais (-15,0%) mais que compensando as altas em pessoal (+2,2%) e administrativas (+1,3%). O índice de eficiência (acumulado em 12 meses) voltou a melhorar, atingindo 47,2% (ante 48,4% no 2T26).

A carteira de crédito ampliada subiu 11,1% em 12 meses, atingindo R\$ 1,150 trilhão.

A alta continua disseminada entre os segmentos, mas foi mais intensa no crédito às empresas (+14,1%), impulsionado desta vez pelas grandes empresas (+14,8%), embora as MPMEs (+13,0%) sigam com expansão acima de dois dígitos, beneficiadas pelos programas governamentais. A carteira PF cresceu 7,4%, com destaque para veículos (+26,8%), cartão de crédito (+9,2%) e consignado (+7,7%), sobretudo no segmento privado/Crédito do Trabalhador (+102,0%).

A inadimplência (acima de 90 dias) subiu 0,3 p.p. no trimestre, para 4,6% da carteira total. A maior alta veio das MPMEs (+0,5 p.p., para 4,9%), por conta das linhas de capital de giro dos programas governamentais, embora contem com garantia dos fundos garantidores (FGO/FGI), que cobrem parte das perdas da IF. Em pessoas físicas, o indicador subiu 0,3 p.p. (para 5,8%), com influência da carteira rural, e entre as grandes empresas ficou praticamente estável (+0,1 p.p., para 0,3%).

Por fim, o índice de capital principal subiu de 11,3% para 12,1% no trimestre, com o aumento de capital subscrito contribuindo com 0,9 p.p. Com isso, o capital segue acima dos níveis regulatórios, e a recomposição reforça a base para sustentar o crescimento do crédito pela IF.

Quadro 12: Resultado 3T26 – Bradesco

Banco Bradesco - R\$ Mi	3T25	2T26	3T26	Var. %	
				Tri	Anual
ITENS PATRIMONIAIS					
Ativo Total	2.256.529	2.506.675	2.542.682	1,4%	12,7%
TVM	924.099	1.062.357	1.048.260	-1,3%	13,4%
Depósitos	664.885	750.907	760.991	1,3%	14,5%
Patrimônio Líquido	173.847	180.340	193.678	7,4%	11,4%
DRE¹					
Margem Financeira	18.710	20.872	21.372	2,4%	14,2%
Margem com Clientes	18.611	20.199	20.497	1,5%	10,1%
Margem com Mercado	99	673	875	30,0%	783,8%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-8.560	-9.985	-10.642	6,6%	24,3%
Receitas de prestação de serviços	10.592	10.486	10.924	4,2%	3,1%
Resultado das Operações de Seguros, Previdência e Capitalização	5.706	6.119	5.590	-8,6%	-2,0%
Despesas de pessoal	-7.126	-7.219	-7.284	0,9%	2,2%
Despesas administrativas	-5.778	-5.896	-5.855	-0,7%	1,3%
IR/CSLL	-1.574	-1.734	-1.734	0,0%	10,2%
Lucro/Prejuízo do período²	6.205	7.050	7.109	0,8%	14,6%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE¹					
ROAE	14,7%	16,2%	15,6%	-0,6 pp	0,9 pp
ROAA	1,1%	1,1%	1,1%	0,0 pp	0,0 pp
Índice de eficiência	50,7%	48,4%	47,2%	-1,2 pp	-3,5 pp
CRÉDITO					
Carteira de crédito ampliada³	1.034.238	1.136.640	1.149.547	1,1%	11,1%
PF	451.568	479.710	484.874	1,1%	7,4%
PJ	582.670	656.930	664.673	1,2%	14,1%
Estoque de PDD p/ operações de crédito	57.200	59.313	59.570	0,4%	4,1%
Despesa PDD/Carteira de crédito	0,8%	0,9%	0,9%	0,0 pp	0,1 pp
Saldo de PDD/Carteira de crédito	5,5%	5,2%	5,2%	0,0 pp	-0,3 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	4,1%	4,3%	4,6%	0,3 pp	0,5 pp
Índice de Basileia	15,9%	15,5%	16,0%	0,5 pp	0,1 pp
Provisão Expandida / Exposição > 90 dias	168,9%	152,3%	142,6%	-9,7 pp	-26,3 pp

Fonte: Bradesco RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Anualizado ²Lucro Líquido Ajustado Gerencial ³ Inclui outras operações com risco de crédito: debêntures, FDIC, CRI, notas promissórias, ativos relacionados a atividades de aquisição e avais e fianças.

Boletim do Mercado de Capitais da Anbima – Setembro/2026

CRÉDITO / BANCOS

As captações do mercado de capitais totalizaram R\$ 70,5 bi em setembro, segundo o Boletim de Mercado de Capitais da Anbima. Em termos reais (ajustados pelo IPCA), o resultado equivale a uma alta de 43,1% ante o mês anterior e a uma queda de 11,0% ante set/25.

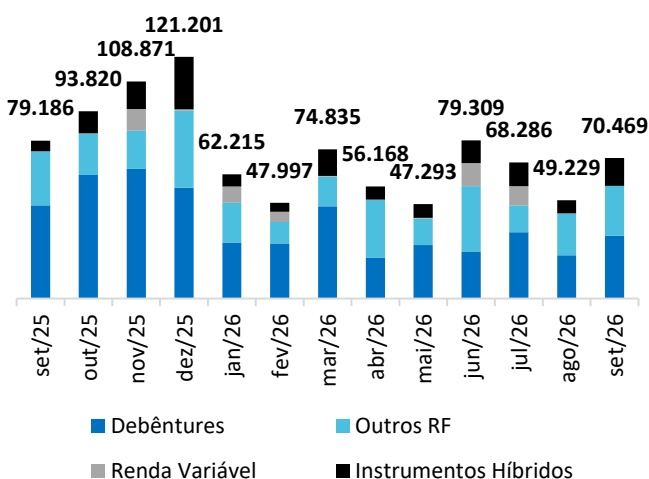
A captação por meio de debêntures ficou em R\$ 31,5 bi no mês (44,7% do total), mantendo-se como o principal instrumento do segmento. Na comparação com set/25, houve queda de 32,6%, refletindo, em parte, a elevada base de comparação, já que em set/25 a sinalização de que a isenção das debêntures incentivadas seria mantida, no âmbito da MP 1.303, destravou operações que estavam represadas. Já as emissões por meio dos demais instrumentos de renda fixa (CRIs, CRAs, notas comerciais, FIDCs, entre outros) atingiram R\$ 25,0 bi, ou 35,4% do total, com queda de 8,2% na mesma comparação. Os FIDCs seguem como destaque nesse grupo e se consolidaram como o 2º principal instrumento de captação do mercado, com volume de R\$ 13,5 bi em setembro e alta de 46,7% em relação a set/25.

Os instrumentos híbridos, por sua vez, totalizaram R\$ 14,0 bi em captações em setembro (19,9% do total), mais que dobrando o valor observado em set/25 (R\$ 5,3 bi), com o movimento puxado pelos FILs (+186,5%). Não houve nenhuma operação de renda variável (IPO ou follow-on) no mês.

No acumulado do ano, as captações somam R\$ 555,8 bi, número praticamente estável (-0,5%) ante o mesmo período de 2025. O ligeiro recuo é explicado pelas debêntures (-22,9%). Já as emissões dos demais instrumentos de renda fixa estão estáveis (+0,1%), mas com variação relevante entre seus componentes: FIDCs (+36,9%) e CRIs/CRAs (-39,8%). Por outro lado, há certa retomada das operações de renda variável (+690,4%), embora em patamar ainda baixo (R\$ 34,9 bi), com operações relevantes no início do ano e em julho, como os *follow-ons* da Azul (R\$ 12,4 bi) e da Engie (R\$ 8,4 bi). Os instrumentos híbridos crescem 115,7%: FILs (+104,3%) e FIAGROS (+252,5%).

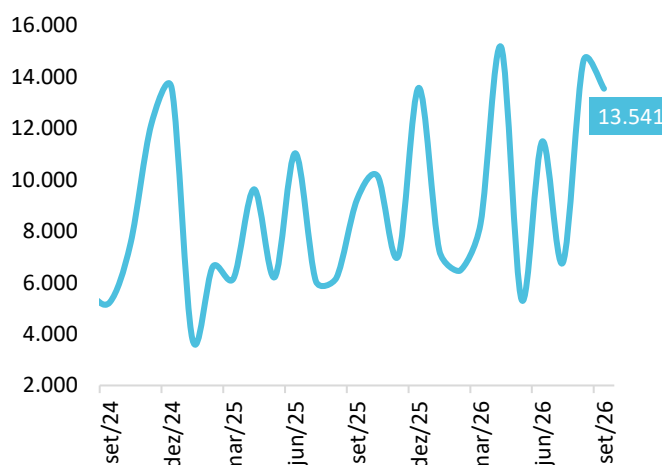
Portanto, o dado trouxe alguma melhora na margem, mas não altera a tendência de moderação ante o mesmo período de 2025. Esse arrefecimento é mais evidente na captação via debêntures, em um quadro de juros elevados e maior incerteza sobre a situação financeira das empresas (aumento das recuperações judiciais e extrajudiciais). Por outro lado, FIDCs, FILs e FIAGROS ganham importância no ano.

Quadro 13: Captação no Mercado de Capitais Em R\$ mi – Preços de set/26 (IPCA)



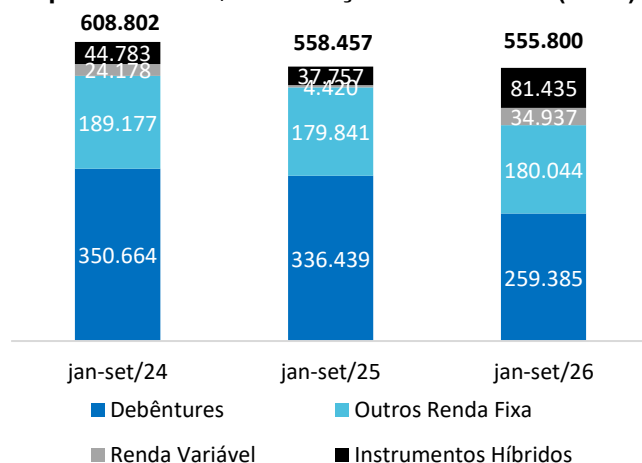
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 14: Captação de FIDCs Em R\$ mi – Preços de setembro/26 (IPCA)



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 15: Acumulado de captações no mercado de capitais – Em R\$ mi – Preços setembro/26 (IPCA)



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2026				2027			
	23/10/2026	16/10/2026	25/09/2026	Viés	23/10/2026	16/10/2026	25/09/2026	Viés
IPCA (%)	5,19	5,22	4,99	▼	4,34	4,32	4,31	▲
PIB (% de crescimento)	1,80	1,83	1,86	▼	1,31	1,32	1,41	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	13,25	13,25	13,50	↔	11,75	12,00	12,00	▼
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,05	5,13	5,20	▼	5,15	5,22	5,28	▼

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	23/10/26	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	4,98	-1,65%	-3,98%	-9,06%	-7,52%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	119,89	0,67%	-1,95%	-13,44%	-16,68%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,54	-0,23%	-1,87%	-9,14%	-9,16%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	12,96	-0,64%	-5,53%	-6,10%	-8,12%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	12,68	-1,09%	-12,80%	-5,92%	-5,35%
Índice Ibovespa (em pontos)	205.082,56	-0,17%	15,59%	27,28%	40,74%
IFNC (setor financeiro)	23.336,31	2,83%	27,58%	34,92%	47,73%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,00	0,00%	6,67%	6,67%	-5,88%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,68	-0,56%	7,84%	35,77%	34,21%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,99	-1,54%	5,15%	21,17%	24,83%
Dollar Index	101,81	-0,03%	2,40%	3,64%	2,90%
Índice S&P 500 (em pontos)	7.623,68	-0,47%	-0,81%	10,55%	13,14%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	170,54	0,89%	-8,03%	3,01%	16,16%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	140,81	4,00%	-0,90%	12,41%	21,83%
Índice Euro Stoxx 50	6.068,22	-2,19%	-5,48%	4,69%	7,05%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	276,32	-5,10%	-12,57%	4,75%	22,60%
Barrel de Petróleo - tipo Brent (US\$)	116,72	6,24%	28,99%	88,50%	76,88%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 João Vítor Siqueira
 Marcos Duarte
 Jéssica Silva Martins